

bens do Brasil

Arquivo

Heitor Tepedino

Nova Iorque — Como no filme *A Day After*, onde se mostra a catástrofe de uma guerra nuclear, os banqueiros internacionais já estão fazendo suas simulações para o caso de os países latino-americanos refutarem as suas dívidas externas, com muitos esquemas montados, segundo revelou o *The Wall Street Journal*. Alguns banqueiros informaram que nos contratos de empréstimo assinados com os países latino-americanos, esses países renunciaram sua imunidade de governo, o que permite, inclusive, confiscar os móveis de suas embaixadas e os veículos dos seus representantes no exterior.

Dentro do chamado "plano de contingência" dos banqueiros, uma das primeiras medidas seria solicitar a justiça a tomada dos depósitos dos latino-americanos, envolvendo os saldos no exterior e também as garantias em ouro oferecidas por muitos países. No entanto, os imóveis e depósitos pertencentes a pessoa privada não podem ser confiscados. Ressalta-se que nos contratos de empréstimo estipula-se como sede para disputas judiciais as cidades de Nova Iorque e Londres. Com isto, nestas duas praças os latino-americanos estão cercados. Embora com a maioria dos banqueiros contestando a possibilidade de tal fato vir a ocorrer, admite-se, contudo, que se isto se concretizasse, eles estão preparados para agir com muita rapidez.

Ainda segundo o *The Wall Street Journal*, os banqueiros informaram que tanto o Brasil como o México têm participações societárias em consórcios bancários em Londres (no caso do Brasil o Eurobrás), o que seria imediatamente encampado. Alguns devedores também possuem depósitos junto ao Fundo Monetário Internacional, letras do Tesouro norte-americano e bônus e marco alemão, tudo isto sendo confiscado. Os banqueiros disseram, ainda, que eles podem prender aceites a favor dos seus devedores, para recebimento futuro.

Nos estudos dos banqueiros acrescenta-se que eles também têm o direito de apreender navios com grãos oriundos dos países devedores, bem como navios com cargas de petróleo, que seriam apreendidos quando estivessem em águas internacionais. Nesta verdadeira guerra simulada já planejada pelos banqueiros para o caso extremo dos países latino-americanos refutarem os seus débitos externos, inclui-se, ainda, a apreensão de aviões dos países devedores quando descerem em outros países, móveis das embaixadas, prédios e agências de bancos, no caso do Brasil, cofiscando-se as agências do Banco do Brasil com os seus bens. Um desses banqueiros informou que quando a Polônia entrou em crise há quatro anos passados, cautelosamente eles estiveram nas pegadas dos navios daquele país que viajavam pelo exterior.

Segundo os banqueiros, os seus advogados também podem imobilizar a vasta balança comercial entre os Estados Unidos e a América Latina, que no ano passado envolveu operações de US\$ 66 bilhões. Eles acreditam que numa ação conjunta com a Europa, todas as transferências de crédito para os latino-americanos seriam bloqueadas, o que significa que os devedores jamais conseguiriam receber pagamentos oriundos do Oeste. "Se o Brasil não pode pagar a Shell, o Brasil não pode pegar o petróleo", afirmou um banqueiro de Nova Iorque. "Se o Brasil tenta pagar, o banco irá apreender

os recursos. A Shell irá querer negociar com o Brasil nessas circunstâncias?", indagou o banqueiro.

A estratégia, disse outro banqueiro, poderia se fazer o devedor viver na base da "mão-para-a-boca" (o que significa comprar e pagar no ato), através da permuta de grão por petróleo ou armas — e eventualmente forçando-se para que ele volte à mesa de negociações.

O *Jornal* acrescenta que, teoricamente, um banco não pode retaliar contra um governo bloqueando recursos pessoais de um cidadão privado. Por exemplo, se o governo argentino repudiasse o seu débito externo, os banqueiros não poderiam apossar-se de um crédito de um exportador de grão daquele país.

Contudo, um advogado dos banqueiros argumenta que desde que a maioria dos países latino-americanos controlam todas as operações com moedas estrangeiras internamente, os banqueiros poderiam, nestas circunstâncias, segurar os recursos externos desses países, tanto do setor público quanto do privado.

Plano dos devedores

Do outro lado da moeda, os advogados de muitos países latino-americanos também já estão delineando os seus planos para o caso extremo do repúdio da dívida externa desses países. Em primeiro lugar, os devedores podem segurar os aceites das operações "overnight" antes que os advogados dos banqueiros consigam ordens judiciais. Se as exportações desses países começarem a ser apreendidas nos Estados Unidos, eles podem procurar outros compradores, como a União Soviética.

Os advogados afirmam que os países devedores têm outras armas. Eles poderiam repudiar os seus débitos em massa, o que provocaria o aniquilamento do capital dos bancos americanos. Eles também poderiam nacionalizar os bancos estrangeiros no seu território. O Citibank, o Chase Manhattan e outros têm dezenas de agências pela América Latina.

Nesta guerra de idéias e hipóteses, verifica-se que os próprios banqueiros estão convencidos de que os países devedores não irão aguentar pagar o seu débito, mas ressalta-se que não se trata de esconde-esconde dos dólares tomados no exterior, simplesmente os latino-americanos não têm recursos para cumprirem com os seus compromissos. Para os advogados dos países devedores, tanto os banqueiros têm suas defesas quanto os devedores têm formas para ludibriar os credores, tudo indicando que a melhor solução para esta crise é a utilização de um remédio político.